

Do trauma à submissão ou o trauma da submissão¹

Clarice Tesch²

Pensei que nada pudesse ser mais ilustrativo do que a própria história desse autor para se pensar em trauma e submissão, ou da possibilidade de encontrar uma outra via, a via do crescimento e da independência como resolução dessa trama. A autenticidade e liberdade de pensamento, resolução por vezes difícil e dolorosa, norteou o estilo de vida e obra desse autor.

Quando Ferenczi conheceu Freud em 1908, este ficou tão impressionado com o novo colega que logo o convidou para apresentar um trabalho no congresso de Psicanálise que iria ocorrer, em breve, em Salsburgo, além de levá-lo, juntamente com Jung, em sua primeira viagem aos Estados Unidos no ano seguinte. Assim começou uma amizade muito forte entre o mestre e um de seus mais fiéis discípulos que levou com ferrenho entusiasmo a Psicanálise para a Hungria e se tornou um defensor e divulgador da obra e das ideias de Freud. Foi Ferenczi quem propôs, no segundo congresso de Psicanálise em Nuremberg, a criação da IPA e, posteriormente, a exigência da análise pessoal do analista.

Freud o tratava com uma intimidade de que poucos desfrutavam, quase uma relação paternal, e Ferenczi, que perdeu o pai em plena adolescência, e, de acordo com Ballint “ ao longo de sua vida teve sempre uma grande necessidade de amor”, apegou-se ao mestre como um filho encarregado de cuidar do patrimônio paterno.

1 Texto adaptado de trabalho apresentado no IV Encontro Gaúcho sobre o Pensamento de D.W. Winnicott, realizado em Porto Alegre em junho de 2017.

2 Psicanalista, membro pleno do CEPdePA.

Mas Ferenczi passou a desenvolver um pensamento próprio, ousando ter ideias muitas vezes divergentes das de seu amigo e protetor, o que causou um estremecimento traumático na relação dos dois e da própria história da Psicanálise.

Quando se fala em trauma, mesmo quem nunca teve a oportunidade de conhecer a obra de Ferenczi, quase sempre já tomou contato com seu famoso texto de 1932 “A Confusão de línguas entre os adultos e a criança.” Este texto contém de forma condensada e também explícita o pensamento que Ferenczi já vinha desenvolvendo ao longo de vários anos, o qual ele planejava expor em sua palestra no XII Congresso Internacional de Psicanálise.

Freud temia que a exposição de uma temática aparentemente tão divergente ao abandono e revisão da sua “teoria da sedução”, poderia ocasionar uma confusão na nova teoria do trauma, ressuscitando e polemizando as questões do papel da fantasia e do real. Freud, então, lhe pede que desista dessa idéia, mas Ferenczi, apesar da admiração e lealdade, se recusa a permanecer numa postura de obediência e submissão a Freud, não só apresentando seu trabalho no Congresso, como também o publicando.

De “grão-vizir secreto” e “paladino” de Freud, Ferenczi passa a “infant terrible”, pois ousa contrariá-lo e passa a desenvolver e divulgar suas próprias ideias mesmo a contragosto de seu mentor e confidente. Expor suas divergências era expor-se à exclusão e ao desamparo, perder seu lugar de confiança ao lado de Freud, mas também era sair da posição infantil de dependência e submissão. E ele opta por este caminho.

Apesar de nunca haver um rompimento total e definitivo entre eles, essa decisão teve como resultado que o nome e as ideias de Ferenczi ficaram excluídos/cindidos da história, dos estudos e seminários das Sociedades Psicanalíticas por muitos anos, revelando a ferida traumática que não podia ser falada, apenas fadada à censura do silêncio e ao esquecimento.

Mas o que pensava ele que não podia ser falado? O que poderia ser tão traumático a Freud, a seus colegas e à Psicanálise?

Ao contrário da ideia de que o trauma advinha de fantasias oriundas dos desejos edípicos e incestuosos, de intensidades pulsionais para as quais o aparelho psíquico não estava preparado e que ultrapassavam a barreira do escudo protetor, impedindo sua ligadura, ele levantava a importância do ambiente, que, funcio-

nando de forma desarmônica , numa linguagem dissociada das capacidades e necessidades da criança, seria o desencadeante do trauma infantil.

Isso iria novamente colocar a realidade fática, para além da fantasia: era o Outro , os fatores ambientais fazendo uma intrusão no psiquismo infantil. Era o adulto respondendo com a “linguagem da paixão” de forma desmesurada, sem o limite e o respeito protetor às necessidades de afeto infantil que caracterizam a “linguagem da ternura”; era o adulto não entendendo, desrespeitando e conseqüentemente traumatizando a criança.

Aqui cito diretamente Ferenczi (1933):

Se, no momento dessa fase de ternura, se impõe às crianças mais amor, ou um amor de natureza diferente do que elas desejam, isso pode acarretar as mesmas conseqüências patogênicas que a privação de amor até aqui invocada. Levar-nos-ia muito longe falar de todas as neuroses e das conseqüências caracterológicas que podem resultar do enxerto prematuro de formas de amor passional e recheado de sentimentos de culpa num ser inacabado e inocente. A conseqüência só pode ser essa confusão de línguas a que fiz alusão no título dessa palestra. (FERENCZI, 1933, p.103).

Clínico por excelência, ao ouvir as histórias de seus pacientes, Ferenczi tinha escuta para além das cenas fantasiosas e passou a perceber a trama subjetiva gerada entre inconscientes, isto é, como uma criança na sua relação de total dependência do adulto, que geralmente era uma figura de seu meio familiar e que deveria lhe proporcionar acolhimento e proteção, se depara com um ser que se torna capaz de atos sedutores e assustadores.

O trauma, sob a ótica desse autor, passa a ter um alcance de conotação mais amplo e mais complexo que o trauma freudiano das fantasias incestuosas e se dá na relação com o outro, no qual a ameaça que está em questão é a de aniquilamento do ser e não a de castração. Não que a esfera da fantasia estivesse ausente dessa trama, mas ele a amplia de forma a colocar em cena um Mito no qual o ambiente tem papel fundamental no psiquismo em formação.

Que Mito é esse? Ferenczi problematiza uma cena que se desenrola em dois tempos, envolve uma certa sequência de fatos e três personagens: uma criança inocente e dois adultos.

No primeiro tempo dessa cena, ocorre um abuso sexual perpetrado por um adulto a uma criança que, num segundo momento, assustada e desorientada busca um outro adulto, relatando o que se passou com ela em busca de apoio e proteção.

A complexidade que Ferenczi dá a questão do trauma está contida em toda a cena, não só na situação do abuso que ocorre inicialmente, mas principalmente na reação inadequada desse segundo adulto, o qual procura para relatar e tentar entender o que se passou com ela.

Com isso, podemos perceber que Ferenczi entende que o trauma pode ter duas formas de resolução, de modo que poderá ser estruturante ou desestruturante. Se, ao procurar o auxílio de um outro adulto após a situação de abuso inicial, a criança for acolhida, compreendida e protegida, a situação traumática poderá adquirir um sentido e, mesmo com muito sofrimento, aos poucos ser elaborada e fazer parte de seu psiquismo para então ser naturalmente “esquecida” e dar espaço para a vida prosseguir. Esse seria um trauma estruturante para esse autor.

Mas se, ao procurar o adulto de sua confiança, este não demonstrar sensibilidade e capacidade empática para acolhê-la, lhe proporcionar proteção e uma explicação à experiência traumática pela qual a criança passou, então é que o evento se torna propriamente traumático para Ferenczi. É quando o adulto que deveria protegê-la não acredita ou desmente a situação confidenciada que a vivência se torna propriamente traumática ou invalidante; é quando à experiência violenta sofrida agregam-se o descrédito, a desmentida.

Ferenczi não está desconsiderando o ato abusivo ou violento em si, mas observando, do ponto de vista do psiquismo da criança, como ela vai sobreviver a esse trauma: se será possível poder dar um sentido a essa violência, a essa intrusão abusiva, a esse “terror sem nome” (citando Bion), ou se essa situação será agravada pela atitude de descrédito do adulto de quem buscou guarida, determinando o modo como seu psiquismo infantil e vulnerável irá reagir a isto.

Na história que Ferenczi nos conta, o adulto interpreta o gesto de sedução infantil oriundo da pré-genitalidade, ou seja, a “linguagem da ternura”, como sendo um desejo da ordem da genitalidade, o que denomina “linguagem da paixão”.

Esta é a questão que se coloca: pois a violência sexual não seria fator traumático em si, mas sim a complexidade dos destinos da culpa e, posteriormente, do desmentido do evento real acontecido, ou seja, a violência do ambiente.

Para Ferenczi, o ato abusivo atinge perspectivas muito mais abrangentes que o acontecimento em si, pois envolve toda uma dinâmica familiar, um contexto que possibilitou que a violência ocorresse, assim como o abandono da criança em sua desorientação culpógena, impedindo uma defesa adequada e sua possível resolução.

Diante da possibilidade impensável de ficar sem a figura de um adulto para ampará-la, a criança indefesa e totalmente dependente protege-o e se protege assumindo a culpa - antes culpada do que ver-se desamparada e só.

Esse é o trauma descrito por Ferenczi como “invalidante”, pois a culpa e a impossibilidade de nomear, dar um significado e entendimento à violência vivida no real impede que a experiência traumática possa ser pensada e passe a ter um sentido dentro da trama emocional, permanecendo sem representação e enquistada no psiquismo.

Para sobreviver, o ego se cinde em inocente e culpado, o que impossibilita o desenvolvimento da confiança e da autonomia, podendo resultar numa atitude precocemente “madura”, como a que Ferenczi descreve no “Sonho do bebê sábio” (1923) e “A criança mal acolhida e sua pulsão de morte” (1929).

Ao incorporar e se identificar com a culpa do agressor, a criança torna-se vulnerável e submetida aos desejos deste, na tentativa de não perder sua aprovação e conseqüentemente sua “proteção”. A culpa a torna obediente e submissa, perdendo a espontaneidade e a capacidade de entender e discriminar seu desejo do desejo do outro. É uma obediência tanática que impede a capacidade de crítica e a tomada de decisão, como formas desesperadas de manter o vínculo com a figura forte e poderosa que lhe garantiria a sobrevivência.

Pensando o trauma Ferenciano como um Mito que serve como referência para organizar uma vivência, não significa que o mesmo tenha que seguir um roteiro específico que nos impeça de pensar em outras situações de abuso e violência que não somente da esfera da brutalidade sexual, o que o próprio autor sinaliza em “Reflexões sobre o trauma” (1932) quando salienta que “uma comoção pode ser puramente física, puramente moral ou então física e moral.”(FERENCZI, 1932, p. 110.)

Assim podemos pensar que os traumatismos podem ter diferentes causalidades externas, mas que sempre que houver uma desmentida, uma desvalorização do ocorrido, uma dúvida sobre a veracidade do fato, ficarão como marcas no sujeito a incapacidade de confiar em si mesmo e uma tendência a duvidar de sua própria percepção, adaptando-se ao meio através da submissão.

Ferenczi se ocupou muito mais da clínica e do manejo adequado a cada indivíduo do que com questões metapsicológicas, desenvolvendo um estilo clínico que possibilitasse entrar em contato com os aspectos traumáticos e cindidos da subjetividade, as partes mais regressivas que estão aquém da simbolização.

Dentro dessa perspectiva, a ênfase está no acolhimento, na capacidade empática do analista, no tato e na elasticidade da técnica enfatizando o uso da transferência/ contratransferência, de um ambiente sincero e acolhedor, daquilo que denominou de “benevolência” do analista, postura que propiciaria um *setting* continente capaz de acessar as vivências e os aspectos dissociados e clivados da mente que não se inscrevem na ordem simbólica.

Salientava que os pacientes “percebem de um modo quase extra-lúcido” (FERENCZI, 1933, p. 101) a falta de autenticidade do analista e, dessa forma, experimentam, por meio da transferência, a mesma comoção psíquica que deu origem ao seu sofrimento, pois foi justamente a falta de tato e sinceridade do adulto que o traumatizou.

Dessa forma, levanta questões importantes na prática clínica, como a possibilidade de que o próprio tratamento possa propiciar uma revivência do trauma ou, melhor dito, que um analista frio, sem capacidade de empatia e tato poderia não apenas dificultar o processo mas retraumatizar o paciente ao invés de curá-lo, repetindo-se na análise “o mesmo estado de coisas que outrora o fez adoecer” (FERENCZI, 1933. p.100), ou seja, a mesma atitude submissa e passiva infantil, agora em relação ao próprio analista.

Assim, no lugar da cura fica a dependência, no lugar do crescimento e amadurecimento perpetua-se o infantil e no lugar de um ego amadurecido e forte se estabelece uma falsa maturidade.

FONTES CONSULTADAS

FERENCZI, S. (1923). O sonho do bebê sábio. In:_____. **Obras completas:** psicanálise III. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. (1928). Elasticidade da técnica psicanalítica. In:_____. **Obras completas:** psicanálise IV. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. (1929). A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In:_____. **Obras completas:** psicanálise IV. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. (1930). Princípio de relaxamento e neocatarse. In:_____. **Obras completas:** psicanálise IV. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. (1931). Análise de crianças com adultos. In:_____. **Obras completas:** psicanálise IV. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. (1932). **Diário clínico.** São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. (1933). Confusão de línguas entre os adultos e a criança. In:_____. **Obras completas:** psicanálise IV. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FREUD, S. (1914). Recordar, repetir e elaborar. In:_____. **Obras completas.** Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. (1920). Além do princípio do prazer. In:_____. **Obras completas.** Rio de Janeiro: Imago, 2006.

KAHTUNI, H.; SANCHES, G. **Dicionário sobre o pensamento de Sándor Ferenczi:** uma contribuição à clínica psicanalítica contemporânea. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: FAPESP, 2009.

KUPERMANN, D. **Presença sensível**: cuidado e criação na clínica Psicanalítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. **Estilos do cuidado**: a psicanálise e o traumático. São Paulo: Zagodoni, 2017.

PINHEIRO, Teresa. **Ferenczi**: do grito à palavra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. Não há citação no texto.

REIS, Eliana; GONDAR, Jô. **Com Ferenczi** : clínica, subjetivação, política. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017. Não há citação no texto.